

Processos de Transformação do Mundo do Trabalho

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Processos de Transformação do Mundo do Trabalho

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P963	Processos de transformação do mundo do trabalho [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-438-2 DOI 10.22533/at.ed.382190307 1. Direitos humanos. 2. Trabalho – Aspectos sociais. I.Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. CDD 331
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra **Processo de Transformação do Mundo do Trabalho** corresponde a uma coletânea que reúne vinte e nove capítulos de pesquisadores vinculados a instituições nacionais e internacionais que uniram esforços para debater problemas sensíveis da sociedade com diálogos e desdobramentos no universo do trabalho.

A temática do trabalho e seus desdobramentos correspondem a elementares sensíveis na comunidade contemporânea, sobretudo no nosso país e nesse momento de intensa atuação de uma política neoliberal que, baseada no discurso de estado mínimo, promove sucessivas tentativas de minorar os direitos sociais historicamente conquistados.

É tomada por essa discussão permeada pelo trabalho como eixo norteador, mas que também alcança comentários sobre empreendedorismo, informalidade, situações vastas e particularidades do exercício da labuta, reabilitação profissional, justiça, precarização do trabalho, fundos de pensão e previdência, políticas públicas e educação, dentre outros, que se dá a construção da obra agora disponibilizada aos nossos leitores.

Sem delongas, e abordando os capítulos, temos:

- **O DESEMPENHO CANSADO**, de Aline Cristina Domingues e Maria Valéria Barbosa, propõe um estudo que versa sobre o trabalho na contemporaneidade a partir da perspectiva da “sociedade do desempenho” na pós-graduação.
- **UMA DISTORÇÃO CONCEITUAL: INFORMALIDADE E EMPREENDEDORISMO**, de Thiago Brandão Peres, discute informalidade e empreendedorismo no Brasil e como se dá os desdobramentos dessas ações nos planos políticos.
- Vanessa de Faria Berto, em **NAS FÍMBRIAS DO SISTEMA: AS OFICINAS DE TRABALHO INFORMAL DO CENTRO COMUNITÁRIO “NOVA MARÍLIA” – SÃO PAULO**, apresenta a precariedade do trabalho informal e temporário realizado por mulheres em oficinas comunitárias.
- **INDICADORES SOBRE EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO NOS MUNICÍPIOS GAÚCHOS**, de Samanta Silva da Rosa, Tiarajú Alves de Freitas e Daniele Mendes Caldas Antunes, aborda o empreendedorismo no municípios do sul do país, precisamente no Rio Grande do Sul, sendo este relevante para o grau de desenvolvimento socioeconômico que a região detém.
- **TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO: SUAS IMPLICAÇÕES NA HISTÓRIA DO BRASIL QUANTO A GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL**, de Willians Alexandre B. da Silva, centra comentários sobre e regulamentação tardia do trabalho doméstico com o apoio de categorias como gênero, raça e classe social.

- **USO DE SISTEMA CAD/CAM NA ONDOLOGIA ESTÉTICA: RELATO DE CASO**, de Arthur Eric Costa Wanderley, Ingrid Ferreira Leite, Mayssa Galvão Pimentel, Rúbia Reis Fonseca Amaral Souto e Natália Karol de Andrade, destina atenção para a relevância da tecnologia e da modernidade, dando os sistemas CAD/CAM como exemplos de ações possíveis para a redução de infecções no exercício da odontologia estética.
- Dando destaque às particularidades das atividades relacionadas ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), Elizama dos Santos Costa, Mirelly Mineiro Penha, Tatyane Silva Rodrigues, Grazielle de Sousa Costa, Thalita Kelly Monteiro Silva, Marina Vieira Ferreira, Mickaelle Bezerra Calaça e Pâmela Suelem Nascimento Vieira, em **TRABALHADORES DE SAÚDE DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA E A EXPOSIÇÃO AOS RISCOS OCUPACIONAIS**, verificam danos por contaminação por materiais biológicos e situações de estresse como sendo os riscos ocupacionais que os trabalhadores dessa atividade estão mais suscetíveis de exposição.
- Através de uma pesquisa que compreendeu uma amostragem de 180 (cento e oitenta) operadores de telemarketing, Maria Áurea Catarina Passos Lopes, Maria Juliana Moreira da Costa, Jeovana da Silva Rodrigues, Thais Rodrigues Ferreira, Liliana Gama Oliveira, Ranieli Cavalcante dos Santos e Nataly de Fátima Sousa Martins, em **ANÁLISE DO PERFIL CARDIOVASCULAR DE OPERADORES DE TELEMARKETING DE UMA CENTRAL DE TELEATENDIMENTO EM FORTALEZA-CE**, concluíram a presença de fatores que viabilizam o desenvolvimento de doenças cardiovasculares nessa atuação profissional, sendo necessária a promoção de hábitos saudáveis.
- **OS INDICADORES DO PROGRAMA DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA**, de Flávia Xavier de Carvalho, Keity Ayumi Akimura e Silvana Souza Netto Mandalozzo, dialoga sobre a importância do aludido programa do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para a reinserção de trabalhadores que foram vítimas de acidentes de trabalho e de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.
- **PROGRAMA DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL DO INSS: UMA ANÁLISE DA REALIDADE DA GERÊNCIA EXECUTIVA DE MARINGÁ/PR NO ANO DE 2015**, de Christiane Karla Spielmann e Flávia Xavier de Carvalho, também estabelece considerações sobre o Programa de Reabilitação Profissional, agora a partir da realidade vivenciada na cidade de Maringá.
- **A INSPEÇÃO DO TRABALHO NO BRASIL: APONTAMENTOS ACERCA DO PROCESSO DE RECONFIGURAÇÃO INSTITUCIONAL A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**, de Luiz Felipe Monsore de Assumpção, como seu título muito bem sintetiza, trata da reconfiguração institucio-

nal trazida ao Sistema de Inspeção do Trabalho pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

- Adotando atenção para o fenômeno da terceirização, Magda Barros Biavaschi, Marilane Oliveira Teixeira e Alisson Droppa, em **A JUSTIÇA DO TRABALHO, O STF E A TERCEIRIZAÇÃO: NOTAS SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS DECISÕES JUDICIAIS**, comentam a atuação do Supremo Tribunal Federal sobre o tema em momentos, inclusive, anteriores às reformas descritas pelo Congresso Nacional.
- A preservação do *jus postulandi* como condição de acesso à justiça é exposto por Cláudia Glênia Silva de Freitas e Amanda Alves dos Santos em **A MITIGAÇÃO DO *JUS POSTULANDI* NO PROCESSO DO TRABALHO**.
- **A FUNÇÃO SOCIAL DA PROPRIEDADE NOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS**, de Ana Claudia Alcaide, Vanderlene Moura Silva e Rita de Cássia Arruda Fajardo, reflete sobre os empreendimentos econômicos solidários baseado na ótica da função social.
- **AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS ENQUANTO CATEGORIA DO ESTADO NEOLIBERAL REFORMISTA NO BRASIL: UMA ESTRUTURA DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO?**, de Fernanda Barcellos Mathiasi, analisa a categoria social trabalho em Organizações Sociais.
- **NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE: A BANCADA EVANGÉLICA E A CLASSE TRABALHADORA NAS REFORMAS “TEMERÁRIAS”**, de Yuri Rodrigues da Cunha, atribui enfoque na atuação e interesses da bancada evangélica presente no Congresso Nacional em relação às reformas trabalhistas pautadas, sendo ela agente que promove conciliação e subalternização das classes populares à reforma, enquanto que o governo pauta as suas exigências moralizantes.
- **FUNDOS DE PENSÃO E TRANSFORMISMO SINDICAL NO GOVERNO LULA**, de Mateus Ubirajara Silva Santana e Paulo Sérgio Fracalanza, problematiza a relação entre fundos de pensão e sindicatos nas primeiras gestões presidenciais petistas e o discurso que legitima as ações políticas tomadas ao longo dos anos.
- **RENDIMENTOS NA APOSENTADORIA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A PREVIDÊNCIA SOCIAL E A PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR NO BRASIL**, de Ana Elizabeth Neirão Reymão e João Gustavo Gouveia Loureiro, indaga até que ponto o processo de reforma previdenciária de fato corresponde a uma ação benéfica para os trabalhadores brasileiros e para os seus respectivos interesses.
- **EFEITOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL SOBRE A POBREZA MULTIDIMENSIONAL NO RURAL BRASILEIRO**, de Rosa Kato e Danielle Carusi Macha-

do, marca posição ao nortear a previdência rural como parte da Seguridade Social, sendo esta importante elemento de minimização da pobreza e desigualdade social.

- Em **POLÍTICA PÚBLICA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DO GESTOR DA INCUBADORA PÚBLICA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS DA PREFEITURA DE SÃO PAULO**, Sérgio Ricardo Gaspar conclui o papel do estado como fomentador de empreendimentos econômicos solidários, sendo esta ação capaz de inserir no mercado grupos historicamente excluídos da atividade.
- **PRINCÍPIOS E PRÁTICAS DA GESTÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO SUBSÍDIO PARA O ENSINO DA ADMINISTRAÇÃO: BUSCA POR PRESSUPOSTOS**, por Gustavo Bigetti Guergoletto e Renata Peres Barbosa, como método para o ensino da Administração, propõe análise dos princípios da gestão da economia solidária.
- **DIREITO À EDUCAÇÃO: ANALISANDO POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO À PERMANÊNCIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**, de Alexsandra Joelma Dal Pizzol Coelho e Nilson Marcos Dias Garcia, infere que políticas públicas de permanência escolar implementadas pelo Plano Nacional de Assistência Estudantil, voltadas para discentes de cursos técnicos de Jaraguá do Sul, entre os anos de 2011 e 2013, não atingia plenamente a finalidade que tanto buscava.
- **PRONATEC: FALTA DE MATERIALIDADE DO DISCURSO**, de Jacqueline Oliveira Lima Zago e Robson Luiz de França, questiona as ações desenvolvidas no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.
- **PRONATEC APRENDIZ: A PAERMANÊNCIA DA DUALIDADE E DA PRECARIZAÇÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE DO JOVEM TRABALHADOR APRENDIZ**, de Janaína Cristina Buiar e Nilson Marcos Dias Garcia, aponta para o programa profissionalizante como formador de trabalho simples, não produzindo assim qualificação para o ambiente de trabalho complexo no qual estamos inseridos na contemporaneidade.
- A proposta de Douglas Gomes Nalini de Oliveira e Vandeí Pinto da Silva, em **DILEMAS DO ANTROPOCENO: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA ECOLÓGICA PARA O TRABALHO E A EDUCAÇÃO**, envolve o pensamento ecológico e as suas contribuições e críticas para a economia clássica.
- **RELIGIÃO E DEMONIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO OESTE PAULISTA (2000-2016)**, de Carlos Eduardo Marotta Peters, retrata a inclusão de discursos religiosos nas escolas públicas e a construção negativa do outro substanciada nessa perspectiva de

leitura.

- Através de um eixo que perpassa por termos como livro diático, estado, ideologia, educação e classes sociais, Matheus Rodrigues Lima Affonso Garcia, Joel Nunes da Silva e Gabriel Martins, em **O LIVRO DIDÁTICO COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA EDUCAÇÃO ENQUANTO IDEOLOGIA DE CLASSE OU COMO A GLOBO EXCLUIU UM LIVRO DIDÁTICO CRÍTICO NO BRASIL**, realizam um estudo com o fito de encontrar respostas para a exclusão do livro didático de história *Nova História Crítica* (2005), de Mario Schmidt, do guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).
- **TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONDIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**, de Luara Alexandre dos Santos e Lucinéia Maria Lazaretti, explana sobre as condições objetivas e subjetivas de trabalho para docente de educação infantil.
- **O TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO CONTEXTO DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL EM CAMPINA GRANDE/PB**, de Nadine Gualberto Agra, pauta a questão da atuação docente em nível superior privado e o controle de trabalho do profissional em casos de acumulação flexível.

Dentro desse imenso arcabouço que materializa o volume **Processo de Transformação do Mundo do Trabalho**, desejamos aos nossos leitores um excelente exercício de diálogo com os textos aqui dispostos. Que as colocações aqui contidas sejam verdadeiros incômodos capazes de impulsionar mais e mais produção de conhecimento.

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O DESEMPENHO CANSADO	
Aline Cristina Domingues Maria Valéria Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.3821903071	
CAPÍTULO 2	13
UMA DISTORÇÃO CONCEITUAL: INFORMALIDADE E EMPREENDEDORISMO	
Thiago Brandão Peres	
DOI 10.22533/at.ed.3821903072	
CAPÍTULO 3	23
NAS FÍMBRIAS DO SISTEMA: AS OFICINAS DE TRABALHO INFORMAL DO CENTRO COMUNITÁRIO “NOVA MARÍLIA”-SÃO PAULO	
Vanessa De Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.3821903073	
CAPÍTULO 4	34
INDICADORES SOBRE EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO NOS MUNICÍPIOS GAÚCHOS	
Samantha Silva da Rosa Tiarajú Alves de Freitas Daniele Mendes Caldas Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.3821903074	
CAPÍTULO 5	47
TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO: SUAS IMPLICAÇÕES NA HISTÓRIA DO BRASIL QUANTO A GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL	
Willians Alexandre B. da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3821903075	
CAPÍTULO 6	61
USO DE SISTEMA CAD/CAM NA ODONTOLOGIA ESTÉTICA: RELATO DE CASO	
Arthur Eric Costa Wanderley Ingrid Ferreira Leite Mayssa Galvão Pimentel Rúbia Reis Fonseca Amaral Souto Natália Karol de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.3821903076	
CAPÍTULO 7	73
TRABALHADORES DE SAÚDE DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA E A EXPOSIÇÃO AOS RISCOS OCUPACIONAIS	
Elizama dos Santos Costa Mirelly Mineiro Penha Tatyanne Silva Rodrigues Grazielle de Sousa Costa Thalita Kelly Monteiro Silva	

Marina Vieira Ferreira
Mickaelle Bezerra Calaça

DOI 10.22533/at.ed.3821903077

CAPÍTULO 8 85

ANÁLISE DO PERFIL CARDIOVASCULAR DE OPERADORES DE TELEMARKETING
DE UMA CENTRAL DE TELEATENDIMENTO EM FORTALEZA-CE

Maria Áurea Catarina Passos Lopes
Maria Juliana Moreira da Costa
Jeovana da Silva Rodrigues
Thais Rodrigues Ferreira
Liliana Gama Oliveira
Ranieli Cavalcante dos Santos
Nataly de Fatima Sousa Martins

DOI 10.22533/at.ed.3821903078

CAPÍTULO 9 95

OS INDICADORES DO PROGRAMA DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL: UMA
ANÁLISE INTERPRETATIVA

Flávia Xavier de Carvalho
Keity Ayumi Akimura
Silvana Souza Netto Mandalozzo

DOI 10.22533/at.ed.3821903079

CAPÍTULO 10 111

PROGRAMA DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL DO INSS: UMA ANÁLISE DA
REALIDADE DA GERÊNCIA EXECUTIVA DE MARINGÁ/PR NO ANO DE 2015

Christiane Karla Spielmann
Flávia Xavier de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.38219030710

CAPÍTULO 11 127

A INSPEÇÃO DO TRABALHO NO BRASIL: APONTAMENTOS ACERCA
DO PROCESSO DE RECONFIGURAÇÃO INSTITUCIONAL A PARTIR DA
CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Luiz Felipe Monsores de Assumpção

DOI 10.22533/at.ed.38219030711

CAPÍTULO 12 136

A JUSTIÇA DO TRABALHO, O STF E A TERCEIRIZAÇÃO: NOTAS SOBRE O
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS DECISÕES JUDICIAIS

Magda Barros Biavaschi
Marilane Oliveira Teixeira
Alisson Droppa

DOI 10.22533/at.ed.38219030712

CAPÍTULO 13 145

A MITIGAÇÃO DO JUS POSTULANDI NO PROCESSO DO TRABALHO

Cláudia Glênia Silva de Freitas
Amanda Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.38219030713

CAPÍTULO 14	157
A FUNÇÃO SOCIAL DA PROPRIEDADE NOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Ana Claudia Alcaide Vanderlene Moura Silva Rita de Cássia Arruda Fajardo	
DOI 10.22533/at.ed.38219030714	
CAPÍTULO 15	167
AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS ENQUANTO CATEGORIA DO ESTADO NEOLIBERAL REFORMISTA NO BRASIL: UMA ESTRUTURA DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO?	
Fernanda Barcellos Mathiasi	
DOI 10.22533/at.ed.38219030715	
CAPÍTULO 16	183
NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE: A BANCADA EVANGÉLICA E A CLASSE TRABALHADORA NAS REFORMAS “TEMERÁRIAS”	
Yuri Rodrigues da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.38219030716	
CAPÍTULO 17	198
FUNDOS DE PENSÃO E TRANSFORMISMO SINDICAL NO GOVERNO LULA	
Mateus Ubirajara Silva Santana Paulo Sérgio Fracalanza	
DOI 10.22533/at.ed.38219030717	
CAPÍTULO 18	207
RENDIMENTOS NA APOSENTADORIA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A PREVIDÊNCIA SOCIAL E A PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR NO BRASIL	
Ana Elizabeth Neirão Reymão João Gustavo Gouveia Loureiro	
DOI 10.22533/at.ed.38219030718	
CAPÍTULO 19	216
EFEITOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL SOBRE A POBREZA MULTIDIMENSIONAL NO RURAL BRASILEIRO	
Rosa Kato Danielle Carusi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.38219030719	
CAPÍTULO 20	229
POLÍTICA PÚBLICA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DO GESTOR DA INCUBADORA PÚBLICA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS DA PREFEITURA DE SÃO PAULO	
Sérgio Ricardo Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.38219030720	

CAPÍTULO 21	243
PRINCÍPIOS E PRÁTICAS DA GESTÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO SUBSÍDIO PARA O ENSINO DA ADMINISTRAÇÃO: BUSCA POR PRESSUPOSTOS	
Gustavo Bigetti Guergoletto Renata Peres Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.38219030721	
CAPÍTULO 22	255
DIREITO À EDUCAÇÃO: ANALISANDO POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO À PERMANÊNCIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Alexsandra Joelma Dal Pizzol Coelho Nilson Marcos Dias Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.38219030722	
CAPÍTULO 23	271
PRONATEC: FALTA DE MATERIALIDADE DO DISCURSO	
Jacqueline Oliveira Lima Zago Robson Luiz de França	
DOI 10.22533/at.ed.38219030723	
CAPÍTULO 24	286
PRONATEC APRENDIZ: A PERMANÊNCIA DA DUALIDADE E DA PRECARIZAÇÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE DO JOVEM TRABALHADOR APRENDIZ	
Janaína Cristina Buiar Nilson Marcos Dias Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.38219030724	
CAPÍTULO 25	300
DILEMAS DO ANTROPOCENO: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA ECOLÓGICA PARA O TRABALHO E A EDUCAÇÃO	
Douglas Gomes Nalini de Oliveira Vandei Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.38219030725	
CAPÍTULO 26	317
RELIGIÃO E DEMONIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO OESTE PAULISTA (2000 – 2016)	
Carlos Eduardo Marotta Peters	
DOI 10.22533/at.ed.38219030726	
CAPÍTULO 27	333
O LIVRO DIDÁTICO COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA EDUCAÇÃO ENQUANTO IDEOLOGIA DE CLASSE OU COMO A GLOBO EXCLUIU UM LIVRO DIDÁTICO CRÍTICO NO BRASIL	
Matheus Rodrigues Lima Affonso Garcia Joel Nunes da Silva Gabriel Martins	
DOI 10.22533/at.ed.38219030727	

CAPÍTULO 28 348

TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONDIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA*

Luara Alexandre dos Santos

Lucinéia Maria Lazaretti

DOI 10.22533/at.ed.38219030728

CAPÍTULO 29 359

O TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO CONTEXTO DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL EM CAMPINA GRANDE/PB

Nadine Gualberto Agra

DOI 10.22533/at.ed.38219030729

SOBRE O ORGANIZADOR..... 369

Aline Cristina Domingues

UNESP – FFC, Marília/SP

Maria Valéria Barbosa

UNESP- FFC, Marília/SP

“O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma.” (Byung-Chul Han).

RESUMO : O presente artigo busca discutir a dimensão do trabalho na contemporaneidade, tendo como ponto de partida a reportagem da Folha de São Paulo que relata o suicídio de um jovem estudante da pós-graduação. Agregamos esta discussão ao debate sobre a “sociedade de desempenho” de um sistema capitalista onde as nuances presentes no cansaço crônico da atual era pós-moderna, são as expressões mais fortes de um processo complexo de exploração e competitividade. Partindo da reportagem, faremos uma revisão bibliográfica de autores como Camus (1989), Jeppe (2013) e em destaque, Byung-Chul Han (2015). Compreendemos que ao tratar de tema tão polêmico é necessário extremo cuidado e respeito, além de, buscar alternativas para que evitemos mais casos, por meio, do exame de diversas perspectivas, por isso, nos propomos a fazer uma análise sociológica das condições de um estudante que de inúmeras formas é essencialmente um trabalhador explorado. Portanto, a Universidade deve deixar de lado a

incorporação da lógica nefasta do produtivismo exacerbado e a cobrança intensificada por desempenho, pois a escolha pela manutenção ou implantação de tal sistema exploratório tem se mostrado demasiadamente prejudicial a toda a comunidade acadêmica em especial, os alunos que estão na linha de frente e são os mais fragilizados e indefesos; e nos quais acabam recaindo a cobrança por um desempenho altíssimo, podendo leva-los a situações extremas, como o suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Desempenho. Suicídio.

ABSTRACT: This article aims to discuss the dimension of contemporary work, having as a starting point the Folha de São Paulo report on the suicide of a young postgraduate student. We have added this discussion to the debate about the “performance society” of a capitalist system where the nuances present in the chronic fatigue of the current postmodern era are the strongest expressions of a complex process of exploitation and competitiveness. Building on the report, we will make a bibliographical review of authors such as Camus (1989), Jeppe (2013) and as a highlighted element, Byung-Chul Han (2015). We understand that when dealing with such a controversial topic, extreme care and respect are needed, as well as seeking alternatives so as to avoid more cases by means of examining

different perspectives; therefore, we propose to make a sociological analysis of the conditions of a student who is in many ways essentially an exploited worker. Thus the University must ignore the incorporation of the nefarious logic of exacerbated productivism and the high-pressured performance-enhanced charging, since the choice of maintaining or implementing such an exploratory system has proved to be too damaging to the entire academic community, in particular to the students who are on the front line and are the most fragilized and helpless, onto which the charge on high performance ends up falling on and may lead to extreme situations as suicide.

KEYWORDS: Capitalism. Performance. Suicide.

INTRODUÇÃO:

Buscamos com esse artigo, entender como o capitalismo e suas ramificações, podem estar relacionados ao caso do jovem estudante da pós-graduação da USP que se suicidou deixando escrito em uma lousa: “I’m just done” (“Para mim, chega) – em tradução livre. Pretendemos averiguar como esse cansaço pode estar ligado ao fato da sociedade pós-moderna ter migrado da sociedade da disciplina para a sociedade do desempenho e como esta mudança transformou todas as perspectivas que tínhamos. Por isso buscamos entender: o capitalismo e a lógica produtivista e de desempenho que têm nos levado ao esgotamento mental, físico e psicológico? Nossa metodologia está pautada na matéria veiculada pela Folha de São Paulo e na revisão da literatura pertinente ao tema, tais como: *Crédito à morte – A decomposição do capitalismo e suas crises* – de Anselm Jappe (2013); *O mito de Sísifo* - Albert Camus (1989) e o principal norteador teórico: *A sociedade do cansaço* de Byung-Chul Han (2015).

Em *Crédito à morte – A decomposição do capitalismo e suas crítica*, são reunidos onze ensaios publicados entre 2007 e 2010 pelo filósofo e ensaísta alemão Anselm Jappe (1962–) e traduzidos por Robson J. F. de Oliveira, vemos a discussão de como o capitalismo ruma em direção a sua própria decomposição e como as crises em que estamos inseridos são justamente as facetas de tal dissolução.

No célebre ensaio *O mito de Sísifo* escrito em 1942 e publicado no Brasil em 1979, com tradução de Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas, pela editora Livros do Brasil, o filósofo argelino Albert Camus (1913-1960) introduz a filosofia do “absurdo” na qual analisa o homem em sua busca de sentido a uma vida descabida.

Já na *Sociedade do Cansaço*, o filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, professor universitário de filosofia e estudos culturais na Universidade de Artes em Berlim, Byung-Chul Han (1959–), teve o livro *Sociedade do cansaço* publicado no Brasil em 2015, com tradução de Enio Paulo Gianchini, pela editora Vozes. Nesse livro, vemos Han dissecando as minúcias contidas na atual “sociedade do cansaço” e como essa é o produto direto da “sociedade do desempenho”.

O DESMANTELAMENTO DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS

A “sociedade do cansaço” é composta por diversos fatores e problemáticas, por isso, iremos nos ater em questões complexas como o suicídio em Camus, o declínio da “sociedade do consumo” e como essas questões estão intrinsicamente ligadas a chamada “sociedade do desempenho”.

Partimos do pressuposto, com base na obra de JAPPE (2013) de que a decomposição do capitalismo tem como pilar de sustentação as suas constantes crises que acarretam pouco a pouco fissuras na sua forma de reprodução, levando, inevitavelmente, ao seu declínio.

Na visão do autor “Os jovens sabem e aceitam com resignação que viverão pior que seus pais e que as necessidades básicas – trabalho e moradia – serão cada vez mais difíceis de serem obtidas e mantidas.” (JEPPE, 2013, pg. 45). Ao analisar as consequências da crise de 2008 no sistema financeiro americano e como se deu a sua proliferação no sistema financeiro global, Jeppe nos explica que estamos vivendo um aprofundamento do capitalismo. Já não contamos com a estabilidade existente no tempo de nossos pais e avôs; a juventude do século XXI não sabe ao certo qual futuro esperar e almejar, visto que dentro da estrutura do capitalismo ela está completamente à deriva. O alemão ainda nos diz sobre a base dessa estrutura ter se transformado; que até meados dos anos 60/70, o capital mundial era lastreado em ouro, ou seja, era baseado numa valor concretado; diferentemente do que ocorre nos nossos dias, atualmente o dinheiro deixou de se qualificar com base em coisas materiais, como o ouro, e passou a ser fictício, ou seja, é puramente especulativo, é do próprio dinheiro que se produz mais dinheiro. E qual a influência disso para o desenvolvimento da sociedade contemporânea ou pós-moderna?

Somos a sociedade liberta de todas as convenções sociais concretas, não dependemos mais de instituições como: família, igreja, Estado ou mesmo a escola. Não que essas instituições não estejam presentes em nosso cotidiano, o que acontece é que estamos nos tornando cada vez mais, individualizantes; o que queremos dizer com isso? É que no isolamento de nossas casas e mesmo na interação com os nossos smartphones, estamos cada vez mais sozinhos e solitários, mesmo estando rodeados de outros indivíduos.

Quando não há mais dinheiro, nada mais dá certo. Ao longo do século XXI, o capitalismo incluiu, para estender a esfera da valorização do valor, setores cada vez mais amplos da vida: da educação de crianças ao cuidado de idosos, da cozinha à cultura, do sistema de aquecimento aos transportes. Nesses campos, viu-se um progresso em nome da “eficácia” ou da liberdade dos indivíduos libertos dos laços familiares e comunitários. (JEPPE, 2013, p.53).

Para resumir bem essa ideia, Jeppe (2013) nos diz: “A impressão geral é de estar se escorregando ao longo de uma encosta. E a única esperança é a de não escorregar rápido demais e não a possibilidade de realmente subir outra vez.” (p. 45).

Ou seja, na chamada, por muitos, pós-modernidade, vivemos em um período em que nada se baseia em construções concretas, mas sim, em construções fictícias, ou apenas não concretas. A nossa juventude não tem mais a seguridade de seus antepassados, vivemos em um mundo completamente diferente, onde as palavras de ordem que ditam toda a organização social são: eficiência, eficácia e desempenho. Jeppe diz:

Os sujeitos que vivem nessa época de crise externa e interna sofrem também um desarranjo das estruturas psíquicas que por muito tempo definiram o que é o homem. Esses novos sujeitos imprevisíveis se encontram ao mesmo tempo na posição de gerir potenciais de destruição impressionantes. (2013, p. 61).

Esse “desarranjo das estruturas psíquicas” será o norte de nossa análise afinal, nos propomos a entender como o capitalismo e seus mecanismos vêm enfraquecendo e/ou destruindo tudo o que toca e em especial, as nossas estruturas psíquicas, nos levando a situações extremadas como, o suicídio.

Essa proposta de análise surgiu logo depois da publicação da matéria do jornal Folha de S. Paulo, datada de 27/10/17, escrita pelo jornalista Fernando Tadeu Moraes, com o título de: *“Suicídio de doutorando da USP levanta questões sobre saúde mental na pós”*:

Há cerca de dois meses um aluno de doutorado do Instituto de Ciências Biomédicas da USP se suicidou no laboratório em que trabalhava.

Deixou, numa lousa que havia no local, uma mensagem em que dizia estar cansado de tentar, de ter esperança, de viver. O texto terminava com a expressão em inglês “I’m just done” (“para mim, chega”, em tradução livre).

Essa reportagem será o objeto de nossa análise, mas infelizmente, em uma rápida busca pela internet é possível encontrar outros diversos casos de alunos que se suicidaram, alunos esses das mais diversas áreas – da medicina ao jornalismo – e dos quatro cantos do Brasil. O suicídio entre estudantes sejam da graduação ou da pós-graduação, tem se tornado corriqueiro e é preciso analisar esse fato da maneira mais atenta e profunda possível.

Nosso objetivo com esse artigo é buscar uma análise sociológica que aponte algumas reflexões sobre a lógica produtivista incorporada pela Universidade e disseminada entre os atores que a compõem, de professores a alunos, já que são esses últimos os mais fragilizados por estarem na ponta do processo, sendo assim, os mais atingidos. Todos que tenham tido alguma vivência dentro de uma Universidade sabem dos desafios a ser encarados, em tal espaço, ela impõem um ritmo frenético de produtividade, eficiência e eficácia, da mesma forma em que a empresa capitalista impõem aos seus trabalhadores.

Por esse motivo, buscaremos entender o suicídio e como nos diz o filósofo Albert Camus:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. (CAMUS, 1989, p.7).

Nessa obra – *O mito de Sísifo* (1989) – Camus nos traz a questão do suicídio numa perspectiva filosófica e nos fala sobre o absurdo da existência humana; através da alegoria de Sísifo, — que condenado pelos deuses por sua vida de contravenções, passará a eternidade rolando uma pedra até o cume de uma montanha e ao chegar ao topo, à pedra rolará montanha abaixo e todo o trabalho empregado será inutilizado, vivendo sua condenação pela eternidade —. Na nossa análise Sísifo é o capitalismo, a alienação, o trabalhador assalariado, o estudante das Universidades; todos, mecanismos de uma mesma “maldição”, e os condenados estão fadados a continuarem sua incessante busca por sentido, pertencimento e realização.

Camus fala em tipos de suicídio: o físico, o filosófico e a aceitação. O primeiro, entendendo a falta de sentido da vida, ele se questiona se vale ou não viver – continuar mesmo sem um sentido maior, uma força motivadora, ou dar cabo a vida. O segundo: é quando o indivíduo se “agarra” ao que de certa forma anule a sua capacidade de reflexão, sua razão; ou seja, algo que lhe empregue um sentido de viver, ao mesmo tempo em que retira a razão dos indivíduos. E por último a aceitação, que é o momento de conclusão do indivíduo que compreende o não-sentido da vida e passa a escolher deliberadamente vivê-la; pois é apenas na vida que está contido o absurdo, sem ela não há nada.

Sísifo traiu os deuses, pois gostava muito da vida, mais do que se devotava a eles, e quando se vê diante da obrigação de pagar sua sentença, entende que apesar de configurar num grande “absurdo”, ainda assim, o trajeto em que percorre é significativo e por isso deve ser atravessado, nos levando ao entendimento e a metáfora da vida, que mesmo sendo ela o maior dos “absurdos”, ainda assim, contém uma infinidade de possibilidades e prazeres, para além das cobranças cotidianas e ordinárias – que envolvem práticas diárias como: faculdade, metas, desempenhos, etc.

O CANSAÇO

A contribuição de Byung-Chul Han é de grande valia ao incorporarmos alguns conceitos e análises por ele proposto em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2015); traremos a tona, conceitos relacionados à: sociedade da disciplina, o tédio, o desempenho, entre outros.

Em seu texto a sociedade transformou-se e a violência atua muito mais nos aspectos neurais do que nos propriamente físicos:

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neural. Doenças neurais como a depressão,

transtorno do déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a síndrome de Bournout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI (HAN, 2015, p. 7 e 8).

Se considerarmos a depressão, ela tem se tornado uma patologia que em algum nível encontra-se presente no cotidiano de todos no século XXI, sua presença é constante nos noticiários, nas redes sociais, nas conversas do dia-a-dia. Somos uma sociedade de depressivos, o ato de deprimir-se é diário, constante e permanente. Por mais que tentemos superar esse estado, somos perseguidos por cobranças e expectativas; deprimimo-nos por não termos o trabalho que desejamos, por não ter a quantidade de seguidores nas redes que nos elevam ao patamar de bem-sucedidos; por não conseguirmos comprar esse ou aquele produto, etc. Todas essas questões estão diretamente ligadas ao estilo de vida que levamos no capitalismo atual, que com sua ânsia tem nos levado ao fundo do poço emocional, já que nem tudo pode ser comprado, nem tudo pode ser vendido, contrariando a lógica vigente desse sistema tão nocivo. Estamos alienados nesse estilo de vida como o único possível e com isso, deprimimo-nos, por tudo que nos desaponta.

A saúde mental dos participantes da pós-modernidade deve ser encarada como um objeto fixo de profundas análises, pois, em nosso tempo vivemos cada vez mais problemas mentais. Um dos elementos do desencadeamento de tamanha quantidade de pessoas adoentadas é a presença assombrosa de positividade presente em nosso cotidiano; essa positividade moveu-nos de uma vivência da qual dependíamos da cobrança de outros para uma cobrança exacerbada interna. Segundo HAN (2015), “É bem verdade que os adoecimentos neurais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética de negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero da positividade” (2015, p.14).

Para aprofundar esta discussão, pode-se buscar nesse mesmo livro, o que norteia a consideração sobre a sociedade capitalista para além da sociedade disciplinar, onde a complexidade sobre as diferentes dimensões da crise e seus desdobramentos pode ser melhor compreendida.

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratório de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes, não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeito de desempenho e produção. (HAN, 2015, p. 23).

Ou seja, para Han (2015) deixamos de viver sobre a constante e permanente vigilância externa de outros atores sociais como: enfermeiros, guardas, oficiais, gerentes, para internalizar esta vigilância em cada um de nós. A nossa sociedade é composta agora por vigilantes internos, ou seja, somos os vigilantes de nós mesmos, o que pressupõem a mudança do paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade

de desempenho, do qual buscamos incessantemente o máximo desempenho de nossas atividades. Um paralelo com a vida universitária; na Universidade – tanto na graduação como no pós graduação – não temos mais professores fiscais, ou mesmo a figura do inspetor de alunos – que tem por função a vigilância permanente e sistemática dos alunos da unidade escolar. No ensino superior nos “libertamos” dessa vigilância, mas caímos diretamente na vigilância constante do desempenho acadêmico; é nesse espaço que os alunos não são mais julgados, analisados ou fiscalizados por seus comportamentos, mas sim, pelo resultado obtido em suas notas e coeficientes de rendimento – expressão contida nos históricos que ajuda na compreensão da questão.

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. [...] A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. [...] O poder ilimitado é o verbo modal positivo de desempenho. [...] No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projetos, iniciativa e motivação. (HAN, 2015, p. 24).

Han (2015) nos fala sobre a máxima expressão da sociedade do desempenho ser a frase: Yes, we can – frase empenhada na campanha do quadragésimo quarto presidente dos Estados Unidos da América – Barack Obama - e que serve perfeitamente à nossa análise, já que nela está contida a ideologia de tal sociedade. Com o cenário político brasileiro extremamente conturbado — após o golpe de 2016 — podemos perceber que o ideário de tal frase está intimamente ligado a forma em que a mídia tem noticiado reformas como a da Previdência e as mudanças na CLT, se ligarmos nossas tvs em qualquer um dos noticiários veremos relatos de trabalhadores que “apesar da crise” e do desemprego tem contornado a situação através de trabalhos informais ou tornando-se pequenos empresários; o que a grande mídia deixa de lado é justamente a análise de que esses trabalhadores se encontram em tal situação devido ao desmanche das políticas públicas, das privatizações e da precarização da força de trabalho. Ou seja, o “Sim, nós podemos” lança nos sujeitos a responsabilidade de alcançarem o sucesso através de suas ações individuais e não mais através da luta pela manutenção de seus direitos, por isso, percebemos que os trabalhadores da atualidade estão imersos nessa ideologia que paira sob suas cabeças, elevando a níveis altíssimos essa positividade, colocando os indivíduos como únicos condutores e responsáveis por suas vidas, deixando de lado todos os aspectos sociais, políticos, culturais que possam influenciar em seus resultados e “desempenhos” finais.

Han (2015) diz: “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade de desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.” (p. 24 e 25). Com isso, enquanto na sociedade disciplinar a vigilância é componente essencial da vida, na sociedade do desempenho ela passa a ser exercida pelos próprios sujeitos, a ação vigilante não deixa de existir, ela passa apenas de uma exteriorização para uma internalização, já que na primeira são necessários vigilantes e na segunda os próprios sujeitos tornam-se vigilantes.

Segundo colegas, ele estava próximo da qualificação (exame crucial que precede a defesa da tese) e vinha enfrentando problemas em sua pesquisa. “Ele estava travado. “O doutorado dele parecia que não ia”, disse um amigo que pediu à reportagem que não o identificasse”. (Folha de S. Paulo, 2017).

O caso que desencadeou esse artigo nos faz refletir sobre a aparente culpabilização do aluno quando esse, as portas da qualificação de seu doutorado não alcançou o desempenho que esperava e como a máxima de nossos dias que nos cobra resultados positivos constantes podem levar a um grande acúmulo de frustrações e desencantamento.

A pós-graduação, como um estágio avançado do ensino superior, cobra de seus alunos bom desempenho em suas atividades e essas são continuamente avaliadas e quantificadas, para um ambiente de “motivação”, “estímulo” e cobrança; não adequar-se a tal espaço é fracassar em concluir positivamente as metas estabelecidas.

Mello lembra que as áreas experimentais - como a do estudante que morreu - trazem um complicador a mais. “Às vezes um equipamento quebra, um reagente não chega e o trabalho fica parado. Estar sujeito a circunstância que não dependem de você é angustiante” (Folha de S. Paulo, 2017).

Optamos por trazer esse trecho, pois ele elucida muito bem a questão do desempenho, a última frase resume as angústias de nossa geração “Estar sujeito à circunstâncias que não dependem de você é angustiante”. Em nossa sociedade na qual somos completamente dependentes do ofício de uma infinidade de trabalhadores é possível que algo dependa exclusivamente de nós? Visto a quantidade exorbitante de agentes presentes e influentes no resultado final de qualquer projeto, é criado um paradoxo dentro da “sociedade do desempenho”, pois ela prega a responsabilização dos indivíduos, sem considerá-los pertencentes de um sistema sócio-político-cultural. Essa noção de sermos independentes e autossuficientes não seria decorrência do intensificado processo de alienação do trabalho? O jovem que faleceu sentia-se absurdamente angustiado por sua pesquisa não estar caminhando da forma que ele havia planejado (e não devemos deixar de considerar que poderia haver diversos outros fatores que o levaram ao extremo do suicídio) e como ele era dependente de diversos fatores que fugiam completamente ao seu controle. Neste debate agrega-se a discussão sobre o tédio profundo, compreendido como mais um dos sintomas desta nova forma de viver, que esta sendo delineada na sociedade capitalista atual.

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. (HAN, 2015, p. 31).

O autor faz referência à técnica de multitarefa, que para ele não é um avanço

civilizatório, ao contrário, refere-se a um retrocesso, pois a técnica de multitarefa é amplamente disseminada entre animais em estado selvagem. Han verifica que os animais utilizam da multitarefa em suas atividades diárias, pois seu estado selvagem os obriga a parcelar sua atenção entre diversas atividades diferenciadas, que acaba por não deixar que eles entrem em um estado contemplativo da atividade que exerce. Nós, seres detentores de razão e agora fora da selvageria, fizemos uso indiscriminado da atenção exclusiva em atividades nobres como a filosofia. Nos dias atuais, estamos perdendo a capacidade de focarmos apenas em uma atividade e até mesmo de nos permitir sentir o tédio. Tédio é uma palavra de teor quase blasfêmico, já que a constituição de nossa sociedade é toda voltada para nos impedir de sentir qualquer coisa parecida com o tédio.

Uma rápida observação nos assentos dos metrô das grandes cidades nos mostraria como nossa sociedade repugna o tédio; a grande maioria dos passageiros estão entretidos com os seus smartphones, a outra metade está lendo algum livro e o restante, ou seja, a minoria, está aflita com o fim da bateria ou conversando com algum companheiro de viagem. Perdemos a contemplação de nossos pensamentos e devaneios.

Agora caminhemos para a análise da duração de um mestrado e doutorado; nas gerações anteriores, um mestrando ou doutorando ficava em suas pesquisas por muitos anos, chegando a concluir suas teses ao final de pelo menos uma década, já na nossa sociedade do desempenho, os que ingressam na academia em busca de titulação tem entorno de seis/sete anos para concluir sua caminhada e adquirir o título de doutores; mas se olharmos comparativamente, com o tempo reduzido o estudante passa a fazer uso frequente e constante da ferramenta de multitarefa, já que, no mesmo momento em que cursa as aulas, ele também pensa em sua dissertação ou tese, se apropria da bibliografia, reúne materiais para a pesquisa, coleta dados, etc. Ou seja, os programas de pós-graduação ao cortarem o tempo de formação dos futuros mestres e doutores não estão avançando na quantidade e qualidade das pesquisas, mas sim, estão retrocedendo e diminuindo os critérios de qualidade, pois, para qualquer pesquisador o tédio, o tempo e o aporte material são indispensáveis para a qualidade final de suas pesquisas.

E a consequência de colocar os estudantes em modo multitarefa está mostrando o quão prejudicial e sintomático é essa atitude, nossos estudantes estão cada vez mais deprimidos, infelizes e angustiados; sentindo-se mais e mais incapacitados diante do pouco tempo para dedicação das pesquisas e da gigantesca carga de cobrança por parte dos órgãos que compõe a pós-graduação, que em sua insaciável busca por resultados não tem observado e respeitado a saúde mental de seus alunos e também, professores.

Como último aspecto desta situação, podemos considerar o conceito da sociedade do cansaço, pois para Han (2015) trata-se de um cansaço que tem a característica de ser persistente:

[...] a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. (HAN, 2015, p.70)

Ou seja, ao trocarmos os paradigmas da negatividade pelos os da positividade estamos criando indivíduos que deixaram de ter “mestres” que lhe impunham obrigações e obediência para indivíduos que passaram a desempenhar a função de “projetos” de suas próprias vidas; que deixaram de se submeter ao outro para submeter-se a si mesmo e vivendo em tal sociedade, acreditando não haver nada inalcançável visto as infinitas possibilidades existentes na sociedade – cansada – do desempenho. Pensemos, o quão desgastante é para um trabalhador ter dentro de si o seu chefe, ou no nosso caso, para um pesquisador conviver durante as 24 horas do dia com o seu orientador, cobrando-lhe os resultados da pesquisa, a publicação de artigos, o fichamentos dos livros recomendados, etc. Nunca haverá orientador mais rigoroso do que o que vive dentro de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a reportagem do jornal Folha de São Paulo (2017): “Deixou, numa lousa que havia no local, uma mensagem em que dizia estar cansado de tentar, de ter esperança e de viver. O texto termina com a expressão em inglês “I’am just done” (Para mim, chega”, em tradução livre).” Reiteramos essa passagem da reportagem pois nela contem o centro de nossa análise, tornando-se assim a expressão máxima de como estamos percorrendo nossas vidas, rumo ao esgotamento.

É para a contemplação do abismo que a sociedade do desempenho tem nos levado, e de lá podemos observar o cansaço estampado no rosto de todos os indivíduos que a compõem; viver com a cobrança de que somos os únicos responsáveis por nossos resultados é como viver eternamente em cima de uma cadeira de apenas três pernas com uma corda enrolada no pescoço, se nos desequilibrarmos a culpa será toda nossa, mas o que não estão nos contando é que nascemos em tais condições e que se manter equilibrado é absolutamente exaustivo. E pela mensagem deixada pelo aluno-pesquisador podemos deduzir que ele chegou à exaustão máxima e optou por dar fim a sua vida.

Em *O mito de Sísifo*, Camus escreve uma passagem instigante:

O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e desafia a continuação. A continuação é o retorno inconsciente à mesma trama ou o despertar definitivo. No extremo do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento. Em si, o cansaço tem alguma coisa de desanimador. Aqui, eu tenho de concluir que ele é bom. Pois tudo começa com a consciência e nada sem ela tem valor. (CAMUS, 1989, p. 14).

Para o argelino, o cansaço é o processo final de uma vida de alienação, mas é possível que através dele também se crie consciência da potência de vida e escolhas. Há então dois caminhos: “suicídio ou restabelecimento”, no caso do jovem pesquisador a escolha tendeu para o basta final. É nessa reflexão que devemos olhar para nós mesmos não como uma máquina de resultados e expectativas alcançadas, metas concluídas ou prazos finalizados, mas sim, como seres detentores de uma potência gigantesca de possibilidades que estão muito além das convenções monetárias e do desempenho posto numa tabela; somos mais, somos melhores e compostos por diversas camadas e dimensões de complexidade, não podemos e nem devemos ser julgados por uma parte ínfima de nossas atividades e sim, pelo conjunto que nos forma. Todas as vezes que estamos exaustos fisicamente, sabemos que a solução é descansarmos, que isso sirva para a nossa saúde mental, sempre que estivermos no limite da cobrança e cansados demais para dizer não, que busquemos ajuda e mais, que as Universidades possam manter centros de tratamentos psicológicos à disposição de toda a comunidade acadêmica, pois, ela é responsável por todos os membros que a mantem funcionando. Se a Academia é o “templo do saber” que ela possa ser o refúgio de todos que devotam a vida para mantê-la.

Sendo assim, concluímos que o capitalismo tem sido bastante eficaz com a ideia de superar a exploração dos indivíduos por outros e implantando uma ideia ainda mais nociva e eficiente, a exploração de si mesmo. O suicídio dentro de um dos cursos de pós graduação da Universidade de São Paulo – USP – a mais aclamada universidade do país, deve levantar todos os alertas sobre a maximização da cobrança de desempenho de seus alunos e nos alertar sobre a nefasta implantação da lógica produtivista dentro de seus portões. É necessário que possamos rever essa lógica, pois ela está adoecendo e uma parte significativa de alunos e professores, a Instituição deve prestar para além do aporte material e educacional, o auxílio e apoio à saúde mental de todos os membros que compõem a comunidade acadêmica, e ainda, tentar coibir que mais episódios como esse se repitam, pois no lugar em que se floresce o conhecimento, aprendizagens e pode-se dizer – a própria vida; não deveria haver espaço para o cansaço, o esgotamento e por fim, a morte como expressão de um cansaço persistente.

Camus nos fala com bastante propriedade do absurdo da vida, e partindo dessa discussão por ele iniciada, fazemos a defesa permanente dela e de sua manutenção, mesmo nos momentos em que somos levados ao máximo de nossas atividades, devemos ter sempre em mente e de certa forma, no espírito, que apesar de todas as contradições, paradoxos e incertezas, viver ainda é um ato de resistência perante tantos percalços.

O desempenho positivo ou negativo é apenas uma das expressões que deixamos pela vida, pois ele se restringe as questões relacionadas ao nosso trabalho e por tanto, está na categoria quantificável da vida. As marcas subjetivas não podem ser medidas, somadas ou contadas, sendo elas: as emoções que despertamos; a influência que

exercemos; o amor que desencadeamos; etc – elas são parte substancial da vida e por isso devem ser colocadas como essenciais.

No artigo *O mito de Sísifo: a decisão de viver ou suprimir a vida* de Milene Fontes de Menezes Bispo e Roberto Sávio Rosa - temos uma contribuição grandíssima sobre a questão do suicídio em Camus.

Para os autores:

Camus afirma que o suicídio é arquitetado no coração do homem, em um momento de angústia ou em um momento de quietude com os pensamentos que mais o atormentam. (BISPO e ROSA, 2013, p. 25).

E segundo a análise deles, a consequência lógica do absurdo da vida é a revolta e não o suicídio. O suicídio é o cessar de tudo, o final da guerra contra os paradoxos. Já a revolta é a tentativa de não sucumbir ao suicídio e persistir no caminho da vida, da esperança, da luta.

Portanto, compreendendo que as razões que levaram o jovem estudante ao suicídio podem ser das mais complexas e variadas razões, ainda assim, buscamos mostrar que a revolta pode ser um caminho para o homem do século XXI, ela pode ser o norte que tem nos faltado.

A definição de revolta segundo o dicionário Larrouse (2009) é:

s.f. t. 1. Ato ou efeito de revoltar (-se). 2. Manifestação contra a autoridade estabelecida; rebelião, insurreição. 3. Rebelião, insubmissão. 4. Alvorço, tumulto, desordem. 5. Indignação, repulsa. (p. 725).

Assim sendo, que lutemos por uma sociedade composta por sujeitos que sejam revoltados, que se manifestem contra a autoridade estabelecida da “sociedade do cansaço” e que manifestemos a nossa indignação e repulsa perante os desmantelamentos, o esgotamento e o cansaço.

REFERÊNCIAS

BISPO, Milena F. de M., ROSA, Roberto S. **O mito de Sísifo: a decisão de viver ou suprimir a vida**. Filosofando: Revista de Filosofia da UESB. Ano 1. Número 2. Dezembro de 2013. ISSN: 2317-3785.
CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**: tradução de Enio Paulo Giachini – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JAPPE, Anselm. **Crédito à morte – A decomposição do capitalismo e suas críticas**. São Paulo: Hedra, 2013.

LAROUSSE, **Minidicionário Larousse da língua portuguesa/ Larousse do Brasil**; co-autoria: Laiz Barbosa de Carvalho. 3. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

MORAES, Fernando Tadeu. **Suicídio de doutorando da USP levanta questões sobre saúde mental na pós**. Folha de São Paulo. São Paulo. 27 de out. 2017. Caderno Ciência. Disponível em: < > Acesso em: 29 dezem. 2017.

SOBRE O ORGANIZADOR

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-438-2

